

UMA BREVE ANÁLISE DO POEMA “AO LONGE OS BARCOS DE FLORES” DE CAMILO PESSANHA

André Nascimento dos SANTOS (G-UFPA)
Orientadora: Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo

O Simbolismo é um movimento literário que buscou sugerir, por meio de símbolos, a emoção humana. Movimento literário que teve, em Portugal, como um dos principais nomes da poesia simbolista o poeta Camilo Pessanha, com a obra intitulada *Clepsydra* (1920). Neste contexto, este trabalho tem como finalidade realizar uma breve análise semântica do poema de Camilo Pessanha intitulado, “Ao longe os barcos de flores” que está presente na obra citada. Para desenvolver esta análise faremos primeiramente uma síntese da escola literária na qual o autor está inserido e uma pequena contextualização histórica, posteriormente iremos partir para análise sintática e estrutural desse poema. Para a realização deste trabalho foi utilizada como metodologia o levantamento bibliográfico. Como embasamento teórico utilizaremos Gomes (1985), Moisés (2006) e Perrone (2000). Com o término do trabalho, percebeu-se, entre outros aspectos, características simbolistas, como o pessimismo, presente no poema analisado.

Palavras-chave: Semântica. Estrutural. Poesia. Análise.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar o Simbolismo que foi, como é sabido, um movimento literário que buscou sugerir, por meio de símbolos, a emoção humana. Movimento literário que teve, em Portugal, como um dos principais nomes da poesia simbolista o poeta Camilo Pessanha, com a obra intitulada *Clepsydra* (1920). Neste contexto, este trabalho tem como finalidade realizar uma breve análise semântica do poema de Camilo Pessanha intitulado, “Ao longe os barcos de flores” que está presente na obra citada. Para desenvolver esta análise faremos primeiramente uma síntese da escola literária na qual o autor está inserido e uma pequena contextualização histórica, posteriormente iremos partir para análise sintática e estrutural desse poema.

Para a realização deste trabalho foi utilizada como metodologia o levantamento bibliográfico. Como embasamento teórico utilizaremos Gomes (1985), Moisés (2006) e Perrone (2000).

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DO SIMBOLISMO

O descontentamento com o pensamento romântico se tornara evidente em 1882, Paul Bourget autor do artigo “La nouvelle revue”, deixa isso claro, após o lançamento do mesmo começa neste momento a ideia do que viria a ser o novo movimento literário que ficou conhecido como

Decadentismo, em suas principais características a dor de uma vida vazia e que sequer vale a pena ser vivida.

A partir de 1882, começa a usar-se o epíteto decadente para indicar esse gênero novo da poesia: o termo derivava dum artigo de Paul Bourget, publicado em *La Nouvelle Revue* (nº XIII, de 15 de novembro de 1881), em que o escritor procurava chamar a atenção para a ideia de decadência romana, assim como prega o desgosto da ação e a certeza de que a vida não vale a pena ser vivida. (MOISÉS, 2006, p.280.)

Os escritores que seguiam as ideias do poeta francês Charles Baudelaire, ficaram conhecidos como Decadentes, procuravam criar uma identidade distinta do Romantismo para isso buscaram seus próprios modelos de escrita com vocábulos raros e requintados por meio de símbolos e metáforas. Buscavam expressar algo ligado à natureza sentimental humana, as dores, tristezas, medos, desespero, além desses sentimentos, também criticar o sistema político em vigência e a realidade considerado por eles como um fato banalizado, para Moisés(2006).

Os decadentes, como então passaram a ser chamados os poetas da geração nova, seguindo o passo de Baudelaire, preconizavam a anarquia, o satanismo, a perversões, as morbidezas, o pessimismo, a histeria, o horror à realidade banal, ao mesmo tempo cultuavam, os neologismos e os vocábulos preciosos (“abscôndito”, “adamantino”, “fiavescente”, “lactescente”, “hiemal”, “marcescente”, “radiância”, “fragrância”, etc.). (MOISÉS, 2006, p.280.)

Conforme Moisés(2006), em sua obra *Arte Poética*, publicado no ano de 1884, o autor Verlaine, criou o que foi considerado com um grande marco para a construção do modelo Simbolista, no primeiro verso, logo tornado celebre e pedra de toque das novas ambições estéticas, defendia o domínio de “*la musique avant toute chose*”, ou seja, o enlace da poesia com a música.

Uma das características que devemos destacar na poesia Simbolista é a musicalidade nos versos, que faz com que cada estrofe se torne declamada de forma melancólica, os poetas buscavam o enlace das palavras e essa sonoridade, pois queriam se diferenciar da escrita Romântica.

Surge em 1886 outra publicação importante para consolidar esse movimento literário, Jean Moréas autor de “*Um manifeste Littéraire*” define pela primeira vez a expressão Simbolismo, substituindo Decadentismo que já não era mais o suficiente para expressar todas as ideias das manifestações poéticas.

Para Moisés (2006), influenciados por Baudelaire, Hartmann, Schopenhauer, achavam que só lhes restava criar fantasias brilhantes, visto que viviam entediados em uma civilização em decadência. Nesse aspecto, aproximavam-se do pensamento realistas e dos naturalistas, que também pintavam e combatiam a sociedade do tempo por considerá-la em corrosão: tal relação desaparecerá quando, anos mais tarde, o Decadentismo se transformar em Simbolismo.

SANTOS, André Nascimento dos. Uma breve análise do poema “Ao longe os barcos de flores” de Camilo Pessanha. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

Segundo Gomes (1985), o movimento simbolista mergulha suas raízes no Romantismo, prolonga alguns ideais, mas tem seus próprios atributos, baseiam-se na concepção de mundo e do homem que tinham sido consagradas pelos românticos. Sua primeira manifestação ocorre na França em 1857 com o poema *As flores do mal*, de Charles Baudelaire, poesia de cunho satânico, irreverente e cáustica. Para Gomes (1985), *As flores do mal* prenuncia as inquietações espirituais e idealistas do Simbolismo, que se firma como estética antipositivista e antimaterialista.

Os Simbolistas buscavam criticar por meio de sua poesia: o homem que consideram com um ser entediado e que se preocupa apenas com o prazeres que o luxo pode lhe proporcionar, quer levar uma vida de banal, querem traduzir expressões humanas, através de símbolos. Segundo Gomes:

O simbolista, avesso ao confessionalismo, tenta captar as sutis e tênues relações entre as coisas, os estados indefinidos de alma, ao contrário do romântico, que fazia arte um meio de expressão da individualidade.

A busca de vagas sensações, dos estados indefinidos de alma, fazendo que a poesia simbolista se aproxime da música, tem com o intuito “traduzir” um mundo de essências, um mais além, ora conhecido como o ideal, era como o mistério, intraduzível por si mesmo...O simbolista busca exprimir-se de modo indireto, o símbolo, imagem multívoca, serve apenas como indicio vago e impreciso de algo que está além e que não pode e nem deve ser expresso por si mesmo. (GOMES, 1985, p.11.)

Por isso o Símbolo era o caminho utilizado para expressar os sentimentos, seja a dor, solidão, tédio da vida burguesa, entre outros mais, tornando assim a realidade sugerida por toda a musicalidade, metáforas e Símbolos.

A fim de comunicar verbalmente o que não se diz, o indescritível, só lhes restava, portanto, o caminho da sugestão: daí defenderem que as palavras deveriam evocar e não descrever, sugerir e não definir. Significava que lhes cabia tão somente tentar uma aproximação com realidades inefáveis, no esforço de encontrar expressões que lhes sugerissem o contorno e o conteúdo, sem lhes alterar a fisionomia. (MOISÉS, 2006, p.283.)

A partir desses breves conceitos a respeito do período literário denominado Decadentismo e Simbolismo, faremos uma análise sobre o poeta português Camilo Pessanha e seu poema “Ao longe os barcos de flores” que está contido na obra *Clepsydra*, porém, antes iremos discorrer acerca da biografia do autor.

Nascido em Coimbra em 1867, filho de um estudante e uma moça do povo, Camilo Pessanha foi um poeta português importante para o movimento Simbolista, sua primeira publicação é datada de 1885 e intitulada de “Lúbrica”. Formado em Direito, em 1894 parte para Macau, onde conhece Wenceslau de Moraes e se tornam amigos, com o mesmo desenvolve o vício em ópio. Dividia seus dias entre Portugal e China, em uma de suas viagens, João Castro Osório recolhe alguns de seus poemas que o poeta guardava apenas em memória e solicita Camilo para que escreva SANTOS, André Nascimento dos. Uma breve análise do poema “Ao longe os barcos de flores” de Camilo Pessanha. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

outros para o papel, consegue reunir boa parte de suas produções. Morto em 1926 vítima de tuberculose, perdemos nesse momento um grande escritor que deixou um legado e marcou o Simbolismo com uma única produção e musicalidade dos seus poemas.

Segundo Perrone (2000), a poesia de Camilo Pessanha é um mundo sinistrado, onde tudo já aconteceu de uma forma trágica e que se constitui de restos e de índice, além disso cáusticos porque o poeta os exibe de modo conciso e contido. Com um caráter poético repleto de símbolos, musicalidade e repetição de alguns versos, o poeta usa desses artifícios para criar uma linguagem poética própria, utiliza em seus versos declarações que demonstre seu pessimismo em relação a vida real.

Ainda de acordo com Perrone (2000), a temática que se destaca em suas produções poéticas é a dor, esse sentimento que resulta da perda, que se faz presente em toda sua obra, que junto com a musicalidade de seus versos demonstra, em particular, uma vida vazia, sinistra, sofrida e como muitos poetas Simbolista afirmavam, uma vida de tanto sofrimento, que não vale a pena ser vivida. Para Moisés.

Diferindo essencialmente dos demais poetas do tempo, Camilo Pessanha enquadra-se de modo transparente na estética Simbolista. Nele, o Simbolismo manifesta-se em todas as suas características fundamentais, especialmente como música, sugestão e símbolo. E essa identificação resulta, antes do mais, duma vida exterior praticamente vazia de acontecimentos, e de uma vida interior em permanente ebulição, de maneira a dar impressão de que, nele a Poesia e a Vida são figuras congruentes, peças únicas. É que a obra poética de Camilo Pessanha se autentifica, em princípio, pelo sentido abstrato, hermético, vago, difuso, próprio de quem, simbolista nato e um temperamento ultrassensível, se sente inadaptado à existência, que somente lhe causa desengano e dor. (MOISÉS, 2006, p.298.)

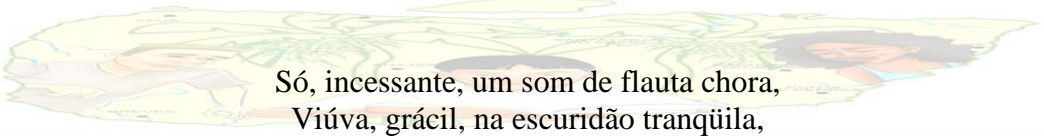
Depois dessas considerações a respeito do poeta, a seguir, faremos uma breve análise semântica/estrutural do poema de Camilo Pessanha intitulado “*Ao longe os barcos de flores*” que está contido na obra *Clepsydra*(1920).

3 BREVE ANÁLISE DO POEMA “AO LONGE OS BARCOS DE FLORES”

AO LONGE OS BARCOS DE FLORES

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranqüila,
_ Perdida voz que de entre as mais se exila,
_ Festões de som dissimulando a hora.
Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...

SANTOS, André Nascimento dos. Uma breve análise do poema “*Ao longe os barcos de flores*” de Camilo Pessanha. In: *ANAIS do IV Colóquio de Letras*, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



Só, incessante, um som de flauta chora,
 Viúva, grácil, na escuridão tranqüila,
 E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
 Cauta, detém. Só modulada trila
 A flauta flébil... Quem há de remi-la?
 Quem sabe a dor que sem razão deplora?
 Só, incessante, um som de flauta chora

Buscando por uma leitura mais subjetiva, isto é, desconsiderando as análises que já existem sobre este poema¹, na medida do possível, partimos do pressuposto de que esse barco remeteria a um caixão, que, no caso, encontrar-se-ia num cortejo fúnebre. Se plausível esse pressuposto, ao longo do poema, o eu poético descreve o cenário no qual se encontra esse ‘barco’. Na sequência, ao longo dos versos, o eu-poético diz:

Só, incessante, um som de flauta chora,
 Viúva, grácil, na escuridão tranqüila,
 _Perdida voz que de entre as mais se exila,
 _ Festões de som dissimulando a hora.

A flauta, ou melhor, a som que a flauta emite seria uma metáfora para representar a tristeza ali presente. O som que ela emite, emite para as “flores” que se encontram no barco, e também para os que porventura ali estão presentes. Contudo, o som sai triste, muito solitário (solidão expressa pelas palavras “só” e viúva, pois viúva remete a alguém que perdeu um companheiro, por isso encontra-se só).

Ou seja, nesta metáfora do “barco em flores” esconde-se uma ironia também, pois se flores remete à vida e o som que existe neste ambiente cheio de vida é triste, algo de não muito bom acontece. E o som, solitário, aparentemente ninguém ouve, por isso, apenas ele (som) chora – seja pela solidão; seja pela vida que não existe ali mais. Embora outras vozes se façam presentes, pois “Perdida voz que de entre as mais se exila”, isto é, o som da flauta fica perdido entre o barulho das outras vozes, de pessoas ali presentes, e, por isso, ela (música) se exila. E quando o eu-poético diz “Festões de som **dissimulando** (grifo nosso) a hora”. Ora, as vidas ali presentes, estão, portanto, “dissimulando”, disfarçando, tentando fugir de uma outra possível realidade, já que estão dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
 E os lábios, branca, do carmim desflora...
 Só, incessante, um som de flauta chora,
 Viúva, grácil, na escuridão tranqüila,

¹ Algumas análises argumentam que esse barco cheio de flores é uma alusão a um bordel que existia na China, por exemplo.



Enquanto alguém, neste barco de flores, se vai, a vida, em outro ponto, segue “Na orgia, [...] que em clarões cintila”. Neste ponto, o eu poético descreve, no verso seguinte “E os lábios, branca, do carmim desflora” o entorno daquele lugar.

E, em uma sutil comparação, o eu poético compara esse local/momento com o local/momento no qual está inserido o barco com flores, que é onde “Só, incessante, um som de flauta chora”, como se buscasse, clamasse por atenção. Mas que, infelizmente, encontra-se irremediavelmente só, desamparado pois viúvo, “na escuridão tranquila.”

Além disso, ainda neste excerto, o poeta mostra a dor das pessoas que ali habitam, o som emitido pela flauta continua angustiado e solitário, se contradiz a respeito do que se produz com aquela música, eu-poético por meio da repetição desse verso, busca chamar atenção para a tristeza e a dor das “vidas” do barco, que apesar da aparência de felicidade, existe uma grande solidão, tristeza, dor e lamentação.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flébil... Quem há de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?
Só, incessante, um som de flauta chora

Ainda considerando que o barco de flores remete a um caixão que leva uma vida, o eu-poético no primeiro verso questiona o que aconteceu com a festa de outrora, com a orquestra. Aparentemente, a vida que foi ceifada é de alguém que vivia a vida intensamente, que, muito possivelmente, conduzia a vida, a festa, a orquestra, pois o eu poético pergunta: “a flauta flébil.. Quem há de remi-la?”

Outra pergunta que o eu poético faz é a respeito da tristeza no verso: “Quem sabe a dor que sem razão deplora?”. Quem poderia, saber a razão da tristeza que ali existia, qual era a dor das pessoas que se lamentavam, qual a causa de tudo isso, no que diz respeito o último verso da estrofe, somente a flauta expressava a dor e a solidão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou fazer uma breve análise semântica do poema de Camilo Pessanha intitulado “Ao longe os barcos de flores” que está contido na obra *Clepsydra* (1920). E ao fim da mesma, chega-se à conclusão do quão notável é a importância desse autor para o movimento Simbolista.

SANTOS, André Nascimento dos. Uma breve análise do poema “Ao longe os barcos de flores” de Camilo Pessanha. In: *ANAIS do IV Colóquio de Letras*, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fevereiro de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



Conclui-se também que tal importância pode ser explicada pela riqueza dos seus textos. Riqueza esta que nos permitiu, por exemplo, fazer uma leitura (plausível ou não) de um dos poemas mais conhecidos e estudados dele.

E, com relação ao poema e esta leitura, conclui-se também que muito ainda pode ser extraído do mesmo. Leituras estas que apenas as grandes obras produzidas por grandes autores nos permitem fazer.

REFERÊNCIAS

GOMES, Álvaro Cardoso. **O Simbolismo**. ed. Ática. São Paulo, 1994.

MOISÉS, Massaud: **A literatura portuguesa**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PERRONE, Leyla. **Camilo Pessanha e as miragens do nada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PESSANHA, Camilo. **Clepsidra**. São Paulo: Núcleo, 1989.